



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

# Os nossos Sócios Honorários

---

**Prof. António Augusto da Silva Cardozo**

(Artista-Pintor)

---

Ao reeditarmos, nas páginas desta Revista, a secção — *Os nossos sócios honorários* <sup>(1)</sup> —, há bastantes anos interrompida, quem estas linhas subscreve não foi movido por qualquer sombra de parcialidade, inspirada na devoção filial, mas apenas por um elementar sentimento de justiça.

O Sócio ilustre, falecido há 41 anos, a cuja memória consagramos hoje algumas palavras de recordação, foi um dos primeiros que a Sociedade

---

(1) A secção — *Os nossos sócios honorários* manteve certa regularidade até ao volume V (1884 a 1888), sendo dadas nesse período as notas biográficas dos seguintes Sócios Honorários: Martins Sarmento (vol. I, p. 35), Conde de Vila-Pouca (I, 81), Manuel da Cunha Guimarães Ferreira (I, 136), João Antunes Guimarães (II, 53), D. Maria Alexandrina Vieira Marques (II, 109), Ilídio Pereira do Vale (II, 274) e D. António da Costa (V, 136). A partir daí esta secção quebrou a primitiva sequência e tornou-se extensiva a outros Sócios de mérito, mas sem a categoria de honorários. Foram assim registados nas páginas da Revista os perfis biográficos de dois dos sócios fundadores e primeiros directores da Casa — José da Cunha Sampaio (XVII, 5) e Avelino da Silva Guimarães (XIX, 5); e dos sócios efectivos — José de Freitas Costa (XXII, 124), Augusto Leite da Silva Guimarães (XXIII, 89), João de Meira (XXXI, 113) e Alvaro Basto (XXXIV, 287). Diversos volumes inseriram ainda artigos consagrados a Sócios Honorários, mas fora da secção primitiva: Abade de Tágilde (XXX, 7), Francisco dos Santos Guimarães (XXXII, 341), Domingos Leite de Castro (XXXII, 448) e D. Maria Sarmento (XXXIX, 5). Ligeiras referências a vários sócios falecidos encontram-se também dispersas nos Boletins da Revista (Extractos das Actas das Sessões da Sociedade).

Martins Sarmiento distinguíu com o diploma de Honra, pelos seus méritos pessoais, desinteressada e generosamente postos ao serviço desta Colectividade, desde o ano da sua fundação.

O Pintor-retratista António Augusto da Silva Cardoso nasceu em Guimarães, a 20 de Janeiro de 1831, num prédio da antiga rua da Calçada (hoje rua Francisco Agra), morada de seu pai António da Silva, que era um modesto comerciante, casado com D. Joana Cardoso. Do registo paroquial consta ter sido baptizado na igreja de S. Paio, e haver por madrinha sua irmã D. Joaquina Cardoso da Silva. Faleceu no prédio n.º 63, da rua de Santa Maria (hoje — Elias Garcia), vitimado por um aneurisma, a 27 de Maio de 1893, com 62 anos de idade, tendo casado aos 42 com D. Margarida da Silva e Vasconcelos Mota, oriunda da Casa da Mota (S. Martinho do Campo). Eis as datas singelas da sua passagem pela vida.

Tracemos agora o seu perfil espiritual, e mostremos que, embora esquecido hoje dos que ainda o conheceram, e desconhecido dos novos, foi um dos vimaraneses notáveis do seu tempo, e daqueles que mais ilustraram a sua terra, pela inflexível honradez do seu carácter e pelo brilho do seu talento de



O Pintor Cardozo no seu atelier, em 1871.

Artista, velado apenas por um quasi doentio retraimento, a que o levava a sua grande modéstia.

Muito novo ainda, emigrou para o Brasil, em demanda da fortuna, pelo trabalho. Ali se empregou no comércio; mas em breve sentiu que a sua vocação artística o desviava para uma carreira mais elevada. Matriculou-se na Academia Imperial de Belas-Artes do Rio-de-Janeiro, e, após alguns anos de estudo consciencioso e aplicado, revelou brilhantemente as suas admiráveis faculdades de Pintor, concluindo um curso distinto, e obtendo, sem esforço, numa Exposição da Academia, realizada em 1860 (tinha então 29 anos), uma medalha de prata, como prémio de três cópias que apresentou, entre as quais as intituladas *O Alcolico* e *O Tempo* <sup>(1)</sup>. As cópias eram, por essa época, processo corrente de estudo nas Academias, e nem por isso a falta de originalidade diminuía o mérito daqueles que as sabiam executar com proficiência.

Cerca dos seus 40 anos, regressou do Brasil, pobre como foi, mas enriquecido com uma sólida cultura profissional e uma técnica segura, que o impunham já como Mestre do retrato. Desenhava com espontânea precisão e leveza, e a sua paleta, sem exuberâncias violentas de colorido, era harmoniosamente límpida, suave e discreta de tons.

Mas a Arte, exclusivamente, não lhe podia bastar às necessidades imperiosas da vida, no meio provinciano, atrasado e recôndito, da sua pequena terra natal. Impunha-se-lhe, portanto, a necessidade de procurar, em profissão praticamente mais rendosa, embora menos grata ao seu temperamento, os proventos que a pura Arte lhe negava. Anexou então ao seu *atelier* de pintura um gabinete de fotografia, o primeiro que se estabeleceu em Guimarães <sup>(2)</sup>. Cuidara assim de

<sup>(1)</sup> Ambas na posse do Pintor Abel Cardoso, Prof. na Escola Industrial «Afonso Domingues», em Lisboa. A terceira cópia é-nos desconhecida.

<sup>(2)</sup> O gabinete de fotografia, anexo ao *atelier* de pintura, foi inicialmente num prédio da rua de Santa Luzia, mudando mais tarde para a rua D. João I, e, finalmente, para o prédio da rua de Santa Maria, onde o artista faleceu. A marca dos cartões dos seus retratos era uma paleta e uma máquina fotográfica.

respeitar a sua sensibilidade estética, cultivando simultaneamente uma profissão até certo ponto ligada à sua Arte, embora circunscrita a uma técnica mecânica. Conciliou d'êste modo, quanto pôde, as exigências do seu espírito com as necessidades da sua existência.

Por 1870, a maravilhosa descoberta da arte fotográfica, que somente uns 10 ou 15 anos antes se tinha generalizado e assumido uma feição prática, era ainda desconhecida em muitas cidades do nosso País. Só os principais centros possuíam *ateliers* de fotografia. Nesse tempo esta profissão exigia do operador a prática de uma técnica complicada e difícil, e uma sôma de conhecimentos especializados, que os progressos do fabrico industrial hoje dispensam. O Pintor Cardozo era todavia igualmente conhecedor desta arte, que aprendera no Brasil, onde, para ganhar a vida, enquanto estudava, praticara também a litografia, associado a um fotógrafo de nacionalidade francesa.

Foi, portanto, o Pintor Cardozo o precursor da arte fotográfica em Guimarães. De tal se podem e devem honrar hoje os fotógrafos vimaranenses. Os trabalhos saídos do seu *atelier* ainda actualmente se destacam, apesar do formidável avanço da técnica moderna, pela perfeita nitidez e conservação das provas, suavidade e boa distribuição da luz, discrição e segurança do retoque, naturalidade e beleza das atitudes, o que bem mostra as suas excelentes aptidões de operador, difíceis de encontrar presentemente reunidas, mesmo nos melhores profissionais. Foi também Cardozo um dos que primeiro trabalharam em Portugal a fotografia em esmalte.

Estas diversas modalidades da sua actividade profissional não diminuíram nem prejudicaram as suas faculdades de Pintor. Deixou espalhada por diversas casas abastadas ou aristocráticas de Guimarães, e nas galerias de algumas Ordens locais de Beneficência, uma série de retratos de primorosa execução, de linhas sóbrias e atitudes nobres. E' do seu pincel um formoso retrato de dama, da Casa dos Condes de Vila-Pouca, bem como um retrato do Rei D. Carlos, existente na galeria de benfeitores da Irmandade de S. Francisco desta cidade. E' magistral a sua cópia da ima-



A. A. da Silva Cardozo. — Um desenho a sanguino.

(Pertence a Mário Cardozo)



A. A. da Silva Cardozo. — Retrato do pai do Autor.

(Pertence ao Dr. Eduardo d'Almeida)

gem de S. Paulo, reprodução de quadro de autor notável, existente na Igreja de S. Pedro. Entre as obras-primas que deixou, salienta-se o retrato de seu pai <sup>(1)</sup>, que inserimos nesta Revista, bem como um desenho a sangüino, de uma colecção pertencente ao Pintor Abel Cardozo <sup>(2)</sup>. Na opinião do ilustre crítico de Arte, Sr. Dr. José de Figueiredo, estes sangüinos são também cópias, o que, como atrás dissemos, não deprecia o seu valor.

Não cabe no restrito limite de um simples esboço biográfico uma documentação mais larga das múltiplas obras do Artista vimaranense; por isso reproduzimos apenas nesta Revista os dois trabalhos citados, que constituem um dos seus mais finos desenhos, e um dos retratos mais expressivos e reveladores da sua forte personalidade artística.

\*

O Pintor Cardozo era Sócio da Sociedade Martins Sarmento, desde o ano da fundação desta Colectividade, em 1882. Nesse mesmo ano, a Sociedade, em obediência à missão social para que foi criada, tomou a iniciativa de aproveitar os elementos do extinto Colégio das Hortas, e com êles fundou um Instituto de Instrução Primária e Secundária. Cardozo redigiu as bases de um Curso de Desenho Profissional, de cuja regência fôra incumbido. Iniciado êste curso, que logo teve grande freqüência, devotou-se o Mestre carinhosamente aos seus alunos, recusando-se a aceitar qualquer remuneração pelo trabalho, que aliás lhe roubava muito tempo às suas occupaões; e a tal ponto levou a sua dedicação e desinterêsse pessoal, que à

---

(1) Bisavô paterno do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo de Almeida. A tela está na posse dêste ilustre Escritor vimaranense. Foi exposta publicamente, com mais duas obras do Artista, numa Exposição realizada na Sociedade Martins Sarmento, em 1910 (cf. o Catálogo respectivo, organizado pelo Pintor Abel Cardozo — *Exposição no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento de alguns quadros e desenhos de valor, existentes na cidade e concelho de Guimarães*, Guimarães, 1910, p. 8 e 14).

(2) Na posse do autor dêste artigo, por generosa oferta do Prof. Abel Cardozo.

sua custa oferecia aos discípulos pobres os compêndios de desenho de que necessitavam, quando não dispunham de meios para os adquirir.

Por Decreto de 3 de Janeiro de 1884, o Estado criara em Guimarães uma Escola de Desenho que — em seguida à notável Exposição Industrial, no mesmo ano realizada nesta Cidade, por inteligente iniciativa da Sociedade Martins Sarmento — foi transformada em Escola Industrial (Decr. de 3 de Dezembro), e o Pintor Cardozo nomeado Professor da Aula de Desenho <sup>(1)</sup>. Terminou então o curso que funcionava na Sociedade, visto já não se justificar a necessidade da sua existência. Como houvesse dificuldades, de momento, em conseguir-se edifício próprio para o imediato funcionamento da Escola, a Sociedade Martins Sarmento, ao tempo instalada no Largo do Carmo, na casa onde hoje reside a Família Matos Chaves, cedeu, por empréstimo, um salão e algum material escolar <sup>(2)</sup>.

O Prof. Cardozo dedicou à Sociedade a mais desvelada simpatia. Entre os vários serviços, sempre destituídos de interesse particular, que lhe prestou, conta-se a execução de um *crayon* e, mais tarde, de um retrato a óleo do glorioso Arqueólogo Martins Sarmento, com quem mantinha relações de amizade pessoal <sup>(3)</sup>. Em proposta apresentada na Sessão de 11 de Julho de 1884, e deliberação da Assembleia

<sup>(1)</sup> Numa exposição de trabalhos dos seus discípulos, realizada no Porto, logo nos primeiros anos da fundação desta Escola Industrial, foi o Prof. Cardozo contemplado com um dos prêmios pecuniários, que então o Estado concedia aos professores que melhores alunos apresentassem.

<sup>(2)</sup> Mais tarde, mudou daí a Escola Industrial para uma casa alugada na rua Paio Galvão (onde hoje se encontra a casa comercial de Joaquim Pereira Mendes); em 1886, para uma casa cedida pela Câmara Municipal, na rua D. Luis I (hoje da Família Moura Machado); depois, para o seu actual edifício, começado a construir em 1887; em seguida, para uma casa do Barão de Pombeiro, no Largo de Santa Clara; daí foi ocupar umas dependências vagas do Liceu; e, finalmente, regressou ao seu edifício próprio, concluídas as obras. Tal a odisséia desta Escola, cuja vida tem atravessado inúmeras vicissitudes, nunca havendo atingido o desenvolvimento que prometia e merecia alcançar, quando foi criada.

<sup>(3)</sup> Martins Sarmento foi, como é sabido, um grande e proficiente fotógrafo amador; é natural que esta circunstância aproximasse frequentemente o amador do profissional Cardozo.

Geral de 28, a Sociedade, reconhecida, elevou-o à categoria de Sócio Honorário <sup>(1)</sup>.

Após uma vida exemplar e honestíssima, dignificada pelo trabalho e pela inteligência, o Prof. Cardozo sucumbia inesperadamente, em 1893, sem ter conhecido a decrepitude, vitimado por uma lesão cardíaca. É interessante recordar aqui os termos de profunda simpatia com que, pelo seu falecimento, ficou registado na Acta da Sessão da Sociedade, em 2-6-1893, um voto de sentimento, proposto pelo Presidente, ilustre causídico e escritor que foi o Dr. Avelino da Silva Guimarães:

«Faleceu o Sr. António Augusto da Silva Cardozo, Sócio Honorário desta Corporação; e, entre os Sócios Honorários, um daqueles a quem esta Sociedade deve os mais relevantes serviços, a mais dedicada devoção; como fundador, como professor, já regendo os primeiros cursos de desenho industrial, diurnos e nocturnos, até ao estabelecimento da Escola «Francisco de Holanda», já regendo o curso de desenho do Instituto Escolar, já prestando às diversas Direcções o seu concurso de serviços e de conselhos, o falecido foi para esta Sociedade, e para a consecução dos seus fins patrióticos, uma das suas mais fortes pedras angulares, um dos seus mais seguros apoios. Não passaram ainda quinze dias, que ouvi ao ilustre falecido considerações de vivo interesse pelos progressos desta Corporação e da instrução popular vimaranesa, vivacidade singular naquele homem de carácter reservado e triste, e já minado da doença gravíssima que o prostrou. Foi um benemérito; deixa na organização social vimaranesa uma lacuna mui larga! Proponho pois se consigne na acta um voto de saúdosa gratidão e se envie à dolorida Família a expressão do nosso sentimento» <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> Cf. *Rev. de Guimarães*, 1884, vol. I, p. 206.

<sup>(2)</sup> *Idem*, 1893, vol. X, p. 200.

Na Escola Industrial «Francisco de Holanda», o seu Director, o falecido Dr. Joaquim José de Meira, a quem a Sociedade também mereceu muitos e assinalados serviços, registava igualmente a morte do seu Colega, referindo-se nos mais elogiosos termos às virtudes do cidadão austero e aos méritos excepcionais do Artista, afirmando que aquela Escola devia ao Professor Cardozo «não pequena parte do seu prestígio, pelo zêlo e dedicação que sempre lhe mereceu o ensino dos seus alunos» <sup>(1)</sup>.

António Augusto da Silva Cardozo soube honrar a sua Terra, e deixar a seus filhos o alto exemplo do seu nome limpo e da sua vida modelar.

MÁRIO CARDOZO.

---

<sup>(1)</sup> Cf. Acta n.º 39, de 29-5-1893, do Conselho Escolar da Escola Industrial de Guimarães, Livro 1.º, fls. 45.